

ANN LIANG

Desta vez
é mesmo
Verdade

Capítulo
Extra

ANN LIANG

Desta vez
é mesmo
Verdade

Capítulo
Extra

 Planeta

Cena eliminada – aniversário de Caz

(originalmente parte do Capítulo Onze)

— Com que então é para aqui que desapareces durante a hora do almoço?

Sáímos para o terraço do telhado e o sol bate-me no rosto, inunda-me o corpo, aliviando um pouco o frio de fim de outono.

— Sim. É este o meu lugar — digo, meia sem jeito, abrindo os braços para abarcar o espaço enquanto o Caz observa tudo. As fileiras de bambus. Os baloiços. Não sei se mais tarde me vou arrepender disto, de o trazer até aqui, mas neste instante não me importo de ter a sua companhia.

— Porquê? — pergunta quando se senta num dos baloiços e abana as pernas, como uma criança pequena. Avanço para me sentar ao lado dele, com o bolo equilibrado no colo.

— Porquê o quê?

— Porque nunca ficas na cantina, como o resto do pessoal?

Desvio os olhos dele. Agarro-me ao banco, a madeira fria sob as minhas mãos.

— Não sei bem. Acho que me sinto melhor aqui.

Segue-se uma pausa. Ele volta a abanar as pernas e o baloiço oscila ainda mais para trás, o vento empurra-nos os pés. Fecho os olhos e imagino que estou a voar.

— Então com quem costumavas estar fora das aulas?

A pergunta traz-me de regresso à realidade a toda a velocidade.

— Eu... — Sinto a língua colada à boca. Não me agrada nada o rumo que esta conversa está a tomar. Porque contar-lhe a verdade é humilhante, ou seja, que não estou com ninguém, mas ainda é mais humilhante se tiver de inventar uma amiga. Antes, até podia contar uma meia-verdade e falar da Zoe, mas agora nem isso posso fazer. Desde a última chamada que não falamos e tenho medo de que não voltemos a falar nunca mais.

— Não sei bem — repito.

— Mas deves ter...

— Ouve, podemos parar de falar nisto? A sério. — Na minha cabeça, as palavras soam casuais, mas saem-me da boca com a frieza de um punhal. Quando me viro, a mágoa no rosto do Caz é visível.

A seguir, cerra os maxilares e o baloiço para de oscilar.

— Tu nunca me contas nada sobre ti — diz ele calmamente.

Sinto as entranhas a revirarem-se. Dei cabo de tudo. Esta devia ser apenas uma conversa agradável enquanto partilhávamos o bolo de aniversário dele — já que é o seu dia de anos —, e em poucos minutos consegui estragar tudo. Deus do céu, o que se passa comigo?

Antes de conseguir resolver as coisas, sinto o peso do Caz a mudar e o baloiço range suavemente uma vez. Ele levanta-se e olha em frente.

— Onde... onde vais?

— À cantina — diz ele, já a afastar-se cada vez mais de mim, em direção à porta do telhado. Abre-a. Fecha-a e ouço o terrível som do fim.

A seguir, estou sentada no baloiço sozinha.

Fecho os olhos e penso para comigo: Está tudo bem.

Está tudo bem.

Só que não está.

É exatamente por isto que sou eu quem acaba com as coisas. Porque prefiro ser eu a acabar do que ver a outra pessoa a deixar-me, a ir embora.

Os minutos arrastam-se. Sei que devia comer alguma coisa, mas o meu estômago parece estar cheio de ácido e de qualquer maneira, também não posso pôr-me a comer o bolo. O Caz está zangado comigo. Ou talvez só não queira ter mais nada comigo e, mesmo depois deste tempo todo, o facto de este ser o padrão natural das coisas não faz com que seja menos doloroso para mim...

A seguir ouço passos.

Quase salto do baloiço e a esperança que me inunda o corpo é ridícula, perigosa, mas tão avassaladora. Ia morrer de tristeza se não fosse o Caz, se ele não tivesse voltado para trás, mas desta vez tenho sorte.

— O que se passa? — O Caz aproxima-se com as mãos enfiadas nos bolsos, como se tudo estivesse completamente normal. A mudança abrupta deixa-me zozna.

Fito-o.

— Tu... foste embora.

Ele fita-me também.

— Hum, pois fui. Para ir buscar garfos à cantina? — Inicialmente penso que está a mentir, mas a seguir ele tira do bolso dois garfos embrulhados num guardanapo.

— Oh. — Sinto o rosto a corar. Sou tão idiota. A sério, sou literalmente uma idiota.

— Eliza — diz ele, sentando-se novamente ao meu lado, e há qualquer coisa no seu tom de voz que faz com que me sinta compreendida de uma forma que não desejo ser. — Achaste que te tinha deixado aqui sozinha ou algo do género? Porquê, por causa de um minúsculo desentendimento entre nós?

— Claro que não. — Mas respondo depressa de mais.

Ele abana a cabeça, parece estar indeciso se há de rir-se ou não, mas quando fala o seu tom de voz é sério.

— Eu jamais me iria embora por uma coisa tão... tão pequena, percebes? Não precisas de te preocupar com isso.

Já houve quem me deixasse por menos.

Ainda penso em dizer-lhe isto, mas gosto da forma como as coisas estão entre nós neste momento, por isso mordo o interior da bochecha e assinto, Tudo bem, acredito em ti. E acho que acredito mesmo.

— Toma.

Ele entrega-me um dos garfos, estende o braço para o bolo e está tudo bem. Afinal, não dei cabo de nada.

Abrimos a caixa velha de cartão em conjunto. O bolo tem os cantos esmagados e quando tento parti-lo, uma parte da cobertura que já derreteu salpica-me a cara. Desliza pelo meu nariz.

O Caz ri-se ao olhar para mim.

Dou-lhe um empurrão e ele ri-se ainda mais, devolve o empurrão e pouco depois estamos numa verdadeira batalha, a atirar pedaços da cobertura um ao outro com os garfos. Tenho açúcar no cabelo, a dissolver-se na língua, em todo o lado e tudo é tão doce que até as minhas pestanas se agitam.

Depois, como se tivesse um vislumbre de clareza, vejo-me ao longe, a partir da perspectiva de outra pessoa que pudesse estar a observar-me: de rosto corado e a sorrir, com cobertura de bolo espalhada sobre o queixo, sentada com o Caz Song num baloiço. O imaculado céu azul a pairar sobre nós, o sol a passar por entre as folhas e a derramar-se nas flores aos nossos pés. Tudo parece tirado de um filme ou fazer parte de uma história poética – e tudo está a acontecer-me a mim.

É estranho pensar que há meses ou até há dias, eu estava aqui em cima a comer sozinha, satisfeita com a minha solidão e anonimato. Neste momento, já nem sei se estava satisfeita ou apenas habituada. Demasiado assustada para considerar sequer a possibilidade de as coisas poderem ser diferentes.

Não que não continue a sentir-me assustada. Sinto. Mesmo quando o Caz se vira para mim a sorrir, o sol a refletir-se sobre o cabelo escuro e des-penteado pelo vento, consigo imaginar com facilidade as consequências quando o nosso acordo acabar: a pontada de dor aguda que sentirei sempre que olhar para o seu lugar vazio, a forma como a paz deste jardim no terraço se transformará numa paz diferente, mais silenciosa e opressivamente bondosa, como naqueles instantes em que pensei que ele se tinha ido embora de vez. Imagino como este lugar nunca mais voltará a parecer-me verdadeiramente meu.

Mas depois vejo o Caz a levar um pedaço do bolo horrórico à boca como se fosse a melhor coisa do mundo e todos os pensamentos desalentados acerca

do futuro se desvanecem. Não completamente, claro, isso nunca acontece, mas recuam para um canto mais afastado da minha mente.

Que se lixe, penso e dou também uma dentada no bolo. Depois quase me engasgo.

— Isto tem um sabor... horrível.

— Pois tem — concorda o Caz, ainda a comer.

Resfolego e levanto o garfo no ar como se fosse um copo de vinho.

— Bem, então, feliz aniversário.

Ele bate com o seu garfo no meu.

— Obrigado. — A forma como o diz parece-me tão calorosa e sincera que tenho de desviar os olhos porque estou a corar.

E, apesar de todas as regras e medos que impus e de todos os fragmentos de sabedoria que acumulei, naquela noite dormi com uma sensação de esperança no peito, e foi a primeira vez em muito, muito tempo.